

A FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO.

Nos últimos tempos tem-se tentado, felizmente sem sucesso, desconsiderar quanto possível a figura do Venerável Padre José de Anchieta que foi, sem a menor dúvida, um dos principais fundadores da cidade de São Paulo e o seu indiscutível consolidador.

Numa inútil tentativa que não tem mais fundamento que a paixão, a afinidade racial ou o excessivo patriotismo de alguns e o desejo de notoriedade de outros, pretende-se apresentar a respeitável figura do Padre Manuel da Nóbrega, português, como único fundador da cidade de São Paulo, o que não corresponde à verdadeira realidade histórica.

Estudamos com carinho há mais de 25 anos a fundação desta magnífica cidade e não temos a menor dúvida em afirmar, como o vimos fazendo há muito tempo, que São Paulo não foi fundada por Nóbrega nem por Anchieta, mesmo que estas duas grandes figuras tenham tido grande importância na sua fundação e correspondente consolidação.

A fundação de São Paulo é obra de equipe, na que muitos contribuíram, ademais das duas destacadas figuras antes mencionadas, os padres Leonardo Nunes, Manuel de Paiva, Gregório Serrão, Pedro Corrêa, Augusto Rodrigues e outros abnegados servidores de Cristo, que agiam já por sua própria iniciativa, dadas as dificuldades de comunicação da época, já sob a sábia e prudente orientação do seu Provincial, o Padre Manuel de Nóbrega. Seria notória injustiça silenciar a contribuição de João Ramalho, do régulo Caiubi e daquela simpatisíssima figura que se chamou, primeiro, Tibiriçá, e depois, Martim Afonso, a quem tanto se deve a existência de São Paulo. Julgamos, até, que esta interessantíssima personagem, inegavelmente histórica, deveria ter sido mais cuidadosamente estudada.

A fundação de cidades, em todos os tempos e sob tôdas as latitudes, salvo raras exceções, têm dado motivo a grandes discussões e controvérsias, geralmente prejudicadas no seu valor histórico, pela paixão da maioria dos contendores, o que impediu sempre chegar-se a resultados práticos.

Em noventa e nove por cento dos casos é verdadeiramente impossível poder determinar-se quem foi o verdadeiro fundador e mesmo a data exata da função, e a de São Paulo não fugiu à regra geral.

Fazendo um breve retrospecto histórico, chegaremos facilmente àquela conclusão.

Quando Martim Afonso de Souza aqui veio em 1531, à frente da primeira expedição colonizadora, e de acôrdo com o *Diário* de seu irmão Pero Lopes, chefe marítimo da expedição, subiu ao planalto e aqui fundou a aldeia de Piratininga que, segundo a respeitável e douta opinião de Afonso de E. Taunay, situava-se no atual bairro da Luz; porém, segundo outros historiadores, entre êles o erudito Enzo da Silveira, erguia-se bem mais para baixo, nas margens do rio Pinheiros.

Pela deserção dos índios e por outros motivos que não vem ao caso mencionar, a aldeia foi abandonada dissolvendo-se os seus habitantes europeus, sendo que uns foram residir à Borda do Campo sob a proteção de João Ramalho e outros passaram a morar no litoral.

Já temos, pois, em Martim Afonso de Souza um dos fundadores de Piratininga.

Tempos depois, veio para o planalto, depois de fundar o Colégio de São Vicente, o Padre Leonardo Nunes e nos campos de Piratininga reuniu três tribos indígenas para evangelizá-las. O incansável padre voador, como os indígenas o chamavam pela facilidade com que se locomovia, figura interessantíssima, e também muito pouco estudada, é, pois, outro dos fundadores da cidade de São Paulo, mesmo que o aldeamento por êle formado não tivesse sido ainda batizado com êsse nome.

Ao galgar a Serra do Mar o Padre Manuel da Nóbrega para resolver a questão existente entre o Padre Leonardo Nunes e João Ramalho, veio o ilustre jesuíta, ainda não Provincial, ao planalto acompanhado de um filho de João Ramalho. E segundo a famosa e tão comentada carta que enviou de São Vicente ao seu superior na Europa, sem data certa, que até agora atribui-se a 1553, porém que terá que passar para 1554, se fôr autêntica a nova carta agora descoberta, aproveitou piedosamente o tempo para fazer nos campos de Piratininga, e no aldeamento feito por Leonardo Nunes, “solenemente 50 catecúmenos”. Êste ato não têm a importância que se lhe quer atribuir, uma vez que o padre voador tinha feito já, no mesmo local, muitos outros catecúmenos, preparando-os, assim, para receberem o Santo Sacramento do batismo.

Temos, pois, mais dois fundadores: o filho de João Ramalho, cujo nome permanece no anonimato e o respeitável jesuíta, e de-

pois Provincial da Companhia de Jesús no Brasil, Padre Manuel da Nóbrega.

Quando por ordem de Nóbrega, entre o fim de 1553 e comêço de 1554, sobem a Piratininga os treze abnegados jesuítas para fundar o terceiro Colégio da Companhia no Brasil, e assim o fazem, e dizem a primeira missa a 25 de janeiro de 1554, ante a pequena e histórica palhoça ajudada a construir pelos índios officia o Padre Manuel de Paiva, chefe do grupo, escrevendo, assim, a certidão de batismo da futura grande Metrópole, colocada sob a proteção do coordenador da Cristandade.

Não se pode, pois, negar ao Padre Manuel de Paiva o título de ser um dos fundadores de São Paulo, uma vez que foi êle que realizou o ato mais solene e mais documentado de todos.

De acôrdo com o testemunho insuspeito dos próprios padres jesuítas, que falaram pela bôca de Anchieta, o nobre régulo Tibiriçá ajudou a fazer a pequena cabana "com as suas próprias mãos". Pode-se negar a êste simpático, leal e pequeno soberano de uma tribo bárbara o legítimo direito de figurar na História como um dos fundadores da cidade de São Paulo? Seria grande injustiça, tanto pelo feito antes mencionado, como pela leal cooperação que deu à defesa de São Paulo quando atacada pelos ferozes Tamôios, e mesmo para a consolidação do pequeno burgo que se foi formando em tôrno do Colégio e que, segundo Anchieta, teria perecido sem a decidida ajuda daquele chefe indígena.

Temos, pois, em Tibiriçá, um outro fundador de São Paulo.

Além do régulo Caiubi e dos jesuítas que acompanhavam a Manuel de Paiva, cujos nomes, infelizmente, não recolheu na sua totalidade a História, resplandece na fundação de São Paulo a simpática figura do Santo Bandeirante de almas, o meigo, humilde, dinâmico e abnegado irmão José de Anchieta, que a paixão de muitos pretende inutilmente eclipsar.

Sinceramente, não achamos que tenha sido Anchieta o fundador material de São Paulo, por que nada assim o demonstra, como não achamos, também, que tenha sido Nóbrega ou outro qualquer personagem, pois que São Paulo, repetimos, é produto de uma equipe de fundadores. Como tivemos oportunidade de manifestar num dos plenários do Congresso de História recentemente realizado nesta capital, São Paulo é tão grande que não pode ter tido um pai só. . . Porém, não é somente injusto como até absurdo o pretender-se negar a aquêle padre a glória de ter sido um dos fundadores de São Paulo, e o seu indiscutível consolidador.

Tão amplamente tem sido divulgada a obra do grande Apóstolo do Brasil, que tanta importância teve na fundação e existência de São Paulo, assim como nos primórdios da civilização brasileira, e a sua figura é tão conhecida e está tão entrosada no coração dos

brasileiros em geral e dos paulistas em particular, que julgamos desnecessário determos a analisá-la. Anchieta, como a maioria das grandes figuras do passado, foi perseguido pela injustiça dos homens, ao que não escapou a própria figura do Rendentor da Humanidade.

Primeiro, e mediante notória injustiça, foi acusado de um ato que não praticou, no famoso e fantástico episódio do enforcamento do calvinista Bolés, originado por um erro histórico cometido involuntariamente por Simão de Vasconcelos. Felizmente, este erro e as suas conseqüências parece que vão ser agora reparados.

Depois, quiseram-lhe negar até a sua legítima e indiscutível nacionalidade espanhola. Tivemos a honra de bater-nos lealmente demonstrando a falta de razão que havia em tal asseveração. Agora, pretendem inútilmente relegá-lo a um plano secundário alegando, principalmente, os seus poucos anos quando se fundou São Paulo, o que reputamos ser uma das suas grandes virtudes, pois Anchieta foi grande já na mocidade, muito antes que os anos o tivessem conduzido, como geralmente acontece, à sabedoria pela experiência e a reflexão. Entre outras muitas virtudes e dons, Deus tinha-lhe dado, prematuramente, a sabedoria e a intuição.

Julgamos, pois que desperdiçam lastimavelmente o seu tempo quantos por um ou outro motivo pretendem negar que Anchieta foi um dos destacados fundadores de São Paulo.

O erudito e muito ilustre historiador português Padre Serafim Leite, da Companhia de Jesús, uma das mais brilhantes figuras que tomaram parte no Congresso de História recentemente realizado nesta capital, num dos plenários daquele douto certame, e depois de fazer diversas e muito acertadas considerações a respeito de documentos antigos e sua identificação, disse que havia muita paixão no caso Nóbrega-Anchieta, e que, "paixão por paixão ficava com Nóbrega".

Não respondemos no ato ao eminente historiador, como seria de nosso desêjo, por ter-se-nos antecipado o erudito e ilustre quinhentista Professor Thomaz Oscar Marcondes de Souza, que, aliás, o fez muito sábia e brilhantemente.

Disse o ilustre historiador brasileiro, que a História não se faz levando-se em consideração questões de afinidade de raça; História não se faz com o coração e sim com o cérebro, e quem assim não procede não tem o direito de intitular-se historiador.

Ademais, não o fizemos, por uma questão de ética, desde que o severo Regulamento do Congresso proibia aos congressistas de fazerem uso da palavra duas vezes sobre a mesma questão; não quisemos colocar o eminente historiador português na mesma desagradável situação em que estivemos por diversas vezes, durante aquêle Congresso, de não poder responder quando rebatidos os

nossos pontos de vista. Queremos, porém, aproveitar esta oportunidade para fazê-lo ainda que seja muito brevemente.

Não sabemos se a paixão traiu a habitual serenidade do eminente jesuíta ou se êle fêz questão de colocar propositadamente o caso em tais termos. Isso é coisa que não nos compete averiguar, porém, nos autoriza a responder-lhe.

A paixão é um nobre atributo ingênito no gênero humano e difficilmente podem subtrair-se completamente a ela os homens, sejam historiadores ou não, ou mesmo revestidos com hábitos talarés. Porém aquella nobre manifestação do coração e do intellecto humano deve ser quanto possível controlada quando pretendemos nos apresentar como árbitros de qualquer causa ou questão. E nem mesmo o patriotismo, também outro nobre atributo do homem, justifica que nos deixemos levar pela paixão em tais casos.

A questão Nóbrega-Anchieta, que é o motivo principal do atual debate sôbre a fundação da cidade de São Paulo, não pode ser conduzida pelo escorregadio caminho do patriotismo ou mesmo do da respectiva nacionalidade dessas duas relevantes figuras, sempre tão unidas, da fundação desta grande e hospitaleira cidade.

Somos de nacionalidade espanhola, e muito amantes da nossa Pátria, ainda que morando há trinta anos neste para nós tão querido Brasil, e como tais, se nos deixássemos levar também pela paixão ou pelo patriotismo, diríamos como o eminente jesuíta que "paixão por paixão ficamos com Anchieta". Porém o nosso raciocínio e o que julgamos ser o nosso dever de modesto aprendiz de historiador leva-nos a afastar tôda tentação de parcialidade e a concluir fazendo calar a paixão ou os apelos que nos faça o nosso instinto nacionalista. Assim, pois, defendemos por um imperativo de justiça, a posição de que São Paulo não foi fundada nem por Nóbrega nem por Anchieta e sim por uma equipe na que ambos muito se destacaram.

Guardemos as nossas paixões para outras coisas que tenham applicação mais adequada, e abramos o coração e o cérebro ao raciocínio, se queremos ser justos, ou poder pensar honestamente que assim o somos.

EDUARDO FERNÁNDEZ Y GONZÁLEZ
Dos Institutos Históricas e Geográficas de São Paulo e Sergipe.